ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

ESCRITAS DE RUA: GRAFFITI E PIXAÇÃO COMO FORMAS DE RESISTÊNCIA E OCUPAÇÃO NA CIDADE DE MANAUS

Street Writings: graffiti and pixação as forms of resistance and occupation in the city of Manaus

Calle escrito: graffiti y pixação como formas de resistencia y la ocupación en Manaus

Anna Carolina Batista[1]
Mirna Feitoza Pereira[2, 3]

RESUMO

Este artigo apresenta alguns dos resultados do "Projeto experimental do livro 'Escritas de rua: graffiti e pixação da cidade de Manaus'" desenvolvido como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social, Jornalismo, na Universidade Federal do Amazonas. Adotamos a expressão "escritas de rua" por esta ser uma autodenominação frequente entre os artistas que atuam neste segmento, bem como assumimos as grafias "graffiti" e "pixação" por estas não possuírem consenso entre autores. Compreendemos a cidade como um espaço de produção de linguagens e comunicação no qual o graffiti e a pixação são sistemas de signos que articulam um lugar de ocupação e resistência. Divulgar as escritas de rua de Manaus constitui-se de importância pelo registro, sendo um convite a ampliar os olhares, particularmente da academia, na área da comunicação.

[1] Graduanda em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: anna.abatista@gmail.com.

[2] É doutora e mestre em Comunicação e Semiótica e graduada em Comunicação Social/Jornalismo (UFAM). Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (UFAM). Universidade Federal do Amazonas. E-mail: mirnafeitoza@gmail.com.

[3] Endereço de contato do autor (por correio): Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Av. General Rodrigo Octávio, 6200, Coroado I, Cep: 69080-900, Manaus (AM), Brasil.

ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Graffiti. Pixação. Linguagens da comunicação. Espaço urbano.

ABSTRACT
This article presents some of the results of the "Experimental project of the book 'Street Writings: graffiti and pixação of the city of Manaus'" developed as a final paper apresentation of the course of Social Communication, Journalism, at the Federal University of Amazonas. We adopted the expression "street writing" because it is a frequent self-denomination among artists working in this segment, as well as the spellings "graffiti" and "pixação" because they do not have a consensus among authors. We understand the city as a production space of languages and communication where the graffiti and pixação are signs systems that articulate a place of occupation and resistance. Disclose Manaus's street writings is importance as a record, and it is an invitation to broaden the eyes, especially among scholars in communication.

KEYWORDS: Communication. Grafitti. Pixação. Communication languages. Urban Space. Manaus.

RESUMEN
Este artículo presenta algunos de los resultados del "Libro de diseño experimental 'Calle escrito: graffiti y pixação de Manaus'" desarrollados como una conclusión de trabajo del curso de Comunicación Social, Periodismo, de la Universidad Federal de Amazonas. Hemos adoptado el término "calle por escrito", ya que es una auto-designación frecuente entre los artistas que trabajan en este segmento, así como asumir la ortografía "graffiti" y "pixação" por éstos no tienen consenso entre los autores. Entendemos la ciudad como un espacio de producción lenguaje y la comunicación en la que el graffiti y pixação son sistemas de signos que articulan un lugar de ocupación y resistencia. Divulgar Manaus calle escrita consiste en importancia por el registro, una invitación para extender las miradas, sobre todo, el mundo académico en el área de comunicación.

PALABRAS CLAVE: Comunicación. Graffiti. Pixação. Lenguajes de comunicación. Espacio urbano.

Recebido em: 19.03.2017. Aceito em: 22.04.2017. Publicado em: 30.04.2017.

Um convite à ocupação

Manaus configura-se hoje como uma capital que escoa e transborda diversidade cultural. Por meio do graffiti e da pixação, artistas ocupam a cidade no meio da floresta, ressignificando seus espaços e criando uma visualidade legítima da região. Qualquer um que se propuser a realizar o exercício da observação do espaço público, no aspecto científico ou apreciativo, verá que as intervenções visuais formadas por letras, grafismos e representações pictóricas integram a paisagem urbana, assim como a publicidade, por meio de outdoors e placas, os imóveis, as árvores, as ruas, e os diversos elementos que compõem o panorama físico e visual das grandes cidades mundiais.

O graffiti e a pixação – que neste artigo são compreendidos como "escritas de rua", por ser esta uma autodenominação frequente entre os artistas do meio na cidade de Manaus –, ocorre ora de forma espontânea, por meio de um muro concedido, ora recebe o incentivo de uma agenda cultural voltada para este fim e articulada pelos próprios artistas, composta por iniciativas que permitem a execução e a difusão dessas escritas, entre as quais podem ser destacadas:

- Roda de Rima (Figura 1): evento que promove os quatro pilares da cultura *Hip Hop* (*dj, rap, breakdance e graffiti*). A atividade acontece na região central da cidade de Manaus e com a sua programação, impacta o cenário e contribui com o fortalecimento de uma rede de sociabilidade entre comunidades.
- *Hip Hop Roots* (Figura 2): ação de ocupação qualificada dos espaços públicos de Manaus para a divulgação da cultura *Hip Hop*, cultura de rua e culturas coirmãs. Nele, são realizadas apresentações musicais, mutirões de graffiti e rodas de debate sobre racismo, preconceito, ocupação e outros temas pertinentes.
- *Black&White* (Figura 3): maior encontro de graffiti da região Norte, ocorre na capital amazonense desde 2007, promovido pela *Crew*[4] Febre Urbana. Geralmente, um ou mais artistas de outros Estados são convidados para compor a programação do evento, visando uma aproximação e um

[4] Crew é o termo dado para grupos de grafiteiros que deixam suas marcas na cidade por meio de uma assinatura coletiva.

intercâmbio de técnicas e experiências.

- Compacto. Arte do Coletivo Difusão[5] (Figura 4): projeto que visa a instalação de gêneros das artes visuais, o que inclui o graffiti, nos pontos da Rede Fora do Eixo, fomentando a circulação da produção da cultura independente e a rotatividade de obras artísticas.
- Projeto Casa Cultural (Figura 5): projeto sociocultural de oficinas de *rap* e graffiti oferecidas gratuitamente para a comunidade, em especial à juventude. Acontecia aos sábados pela manhã no espaço do Arar - Centro de Convivência da Família, bairro do Mutirão, zona norte de Manaus.

Essas iniciativas e programações de apoio à produção das escritas de rua são pensadas, organizadas e promovidas por artistas que vivenciam o graffiti e a pixação na cidade de Manaus, resultando na ocupação do espaço urbanizado por meio de suas obras e dando voz a uma realidade cultural submetida à invisibilidade e à violência, associada à criminalidade e à marginalidade no seu sentido mais pejorativo, embora seja mobilizadora de um número cada vez maior de pessoas e catalisadora de nós no tecimento de redes coletivas e de resistência aos modelos de engessamento criativo.

A aproximação com esta temática aconteceu a partir da afinidade pessoal da pesquisadora e de sua trajetória dentro dos coletivos artísticos e movimentos sociais.

A temática foi estudada anteriormente e apresentada como trabalho de conclusão de curso intitulado "Projeto experimental do livro 'Escritas de rua: graffiti e pixação da cidade de Manaus'", defendido no curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas. O livro que resultou do TCC reúne o perfil e a obra de dez artistas - *Hipz, Raiz, Isy, Máfia, Lobão, Sonek, Arab, Tks Crew, Paradise* e *Adonay* - do graffiti e da pixação que atuam na cidade de Manaus. Neste artigo, apresentamos parte da pesquisa bibliográfica que norteou as concepções conceituais adotadas ao longo do estudo, as quais nos fizeram perceber as escritas de rua e compreendê-las como formas de ocupação e transgressão dos limites impostos pelas normas políticas, jurídicas e estéticas vigentes no meio social.

[5] Coletivo cultural que atua há 10 anos, em Manaus, na promoção da cultura como um agente modificador da sociedade e que trabalha na perspectiva da cultura de rede fazendo parte da Rede Fora do Eixo. É, da mesma forma, um atuante significativo na realização de eventos, parcerias e execução de debates com grupos e artistas que pensam a ocupação do espaço público.

Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação
ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

O graffiti e a pixação falam - gritam - por si

Sobre as escritas de rua, existe uma lacuna em relação a uma data precisa que marque cronologicamente o seu início. Contudo, Hunter (2012) aponta que o que conhecemos hoje como graffiti teve a sua primeira execução há quatro mil anos por soldados semitas em um penhasco no Egito, além de outras manifestações nas áreas metropolitanas da Grécia Antiga e da Mesopotâmia, e na Roma Antiga, como modelo de assinatura para sociedades secretas. Percebe-se, assim, que a presença da expressão do homem no espaço público é milenar. Desde a Idade da Pedra, ou mesmo na Grécia Antiga, desenhos em paredes e textos extraoficiais já eram chamados de graffiti, por isso, alguns autores identificam a origem desse termo da palavra grega *graphien* ou do vocábulo italiano *sgraffire*, ambos significando rabisco, risco, desenho ou escrita.

> Por sua natureza bastante transitória, esses vários temas forneceram um meio de comunicação tácito nas primeiras selvas urbanas e revelaram trilhas que conduziam a locais secretos, onde muitos ritos poderiam ser realizados. Se por acaso fossem descobertos, esses códigos poderiam ser facilmente disfarçados ou removidos. (HUNTER, 2012: 11).

É importante ressaltar que enquanto o conhecimento da escrita e da leitura era praticamente exclusivo às camadas mais nobres da sociedade, os símbolos figurativos acabavam por ser uma estratégia viável de comunicação para as parcelas sociais analfabetas, que os utilizavam, ainda segundo Hunter (2012), como meio de demarcação de territórios, significados políticos e religiosos, descrição do nome de lugares públicos ou de lojas especializadas. Nota-se, assim, que a utilização desses símbolos nesses espaços de transição, passagem, já possuíam a capacidade de informar e a oportunidade de ser captado em qualquer uma das línguas, muitas vezes sem a necessidade da palavra, demonstrando que a ânsia por se expressar está para lá dos paradigmas institucionais da alfabetização.

Tendo a efemeridade como uma das suas qualidades primárias, o graffiti conquistou, ao longo da sua história, um grande apreço social. Mesmo com a essência da crítica, mescla em suas obras uma diversificada paleta de cores e formas, com a criação de personagens e mensagens de humor e descontração. Gitahy (1999: 17-18) associa ao graffiti dois tipos de características: estéticas e conceituais.

Estéticas:

- Expressão plástica figurativa e abstrata;
- Utilização do traço e/ou da massa para definição de formas;
- Natureza gráfica ou pictórica;

Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação
ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

• Utilização de imagens do inconsciente coletivo, produzindo releituras de imagens já editadas e/ou criações do próprio artista;
• Repetição de um mesmo original por meio de uma matriz (máscara), característica herdada da pop art;
• Repetição de um mesmo estilo quando feito a mão livre.
Conceituais:
• Subversivo, espontâneo, gratuito, efêmero;
• Discute e denuncia valores sociais, políticos e econômicos com muito humor e ironia; • Apropria-se do espaço urbano a fim de discutir recriar e imprimir a interferência humana na arquitetura da metrópole;
• Democratiza e desburocratiza a arte, aproximando-a do homem, sem distinção de raça ou de credo;
• Produz em espaço aberto sua galeria urbana, pois os espaços fechados dos museus e afins são quase sempre inacessíveis.

Ganter (2013: 8) aborda que a estética do graffiti (Figura 6) é realmente formada por essa ampla variedade de formas e modelos, que se iniciou por meio de rabiscos amadores para chegar a majestosos murais. No entanto, a ligação com o belo, o admirável aos olhos, nem sempre é o objetivo a ser alcançado. Acerca do graffiti existe uma variedade de termos (*tags, throw up, wildstyle, bubblestyle, bomber*) que diferem as tantas formas de fazê-lo e que apresentam qualidades e especificidades.

Gitahy (1999) apresenta a pixação (Figura 8) como "ação ou efeito de pichar; escrever em muros e paredes; aplicar piche em; sujar com piche; falar mal". (GITAHY, 1999: 19). Acerca dessa última definição, o autor ainda comenta que não há, então, quem nunca tenha pixado pelo menos uma vez na vida.

> Por ser considerada ilegal e subversiva, a atividade da pichação era [e em suma, continua sendo] praticada à noite. Mesmo assim, essa prática foi se popularizando e perdendo seu exclusivo caráter político. As pichações já não pediam somente a cabeça desse ou daquele governante, mas declaravam amor, faziam piadas ou simplesmente exibiam o nome de seus autores. (GITAHY, 1999: 21).

Costa (2007) fala da pixação como linhas que formam uma explosão, riscos que cortam o concreto e que desafiam as noções de ordenamento. "Riscos a possuir o espectador, ativando seu gozo torpe para logo voltar ao seu letárgico desespero urbano. As cidades contemporâneas vestem-se desde muito com uma roupagem cáustica" (COSTA. 2007: 181).

Observa-se, portanto, que ambas as escritas, graffiti e pixação, surgem por meio da transgressão de comportamentos e condicionamentos

impostos. Entre ambas, uma semelhança pode ser identificada: o descontentamento. Sobre isso, Park (1967: 29) atesta com as sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano, que a cidade é antes de tudo um estado de espírito, um corpo de costumes, tradições, sentimentos e atitudes. Ela não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Conforme a autora, "a cidade está envolvida em processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana." (PARK, 1967: 29).

As escritas de rua pelo olhar semiótico

Em um mundo em que vivemos atrelados a conceitos, censuras, condicionamentos, concepções e, por muitas vezes, bloqueios, é necessário instigarmos o olhar para outras perspectivas, interagindo com o meio que se reformula a cada segundo, dada a influência de ideias e desejos que transbordam no anseio de se expressar e comunicar. E é sobre as tantas formas e desafios que envolvem o fazer comunicação que Pereira (2012: 14) afirma que não devemos entendê-la como uma mera transmissão de mensagens, isto é, como uma ação unilateral por meio da qual um emissor codifica e transmite informações a um receptor que a descodifica, agindo como receptáculo de sentidos.

> As práticas comunicativas envolvem processos de cognição, interpretação, inteligência, sendo estes compreendidos a partir da mediação dos signos nos quais os sistemas participantes do ato comunicativo estão imersos e por meio dos quais estabelecem relações que os colocam em plena continuidade semiótica. (PEREIRA, 2012: 14).

Nesse sentido, o olhar semiótico nos orienta a enxergar a cidade como um espaço de produção de linguagens e comunicação, em que as escritas de rua, graffiti e pixação, são signos em contínuo processo de elaboração, interpretação e modificação, dada a própria produção das obras que surgem a partir da vivência e da vontade de quem as produz, das temáticas escolhidas, da leitura feita por um público passageiro e desconhecido, das interferências externas e das ações do tempo. É importante pontuar ainda que a leitura das escritas de rua, mesmo que aconteça em um espaço de uso comum, democrático, não é necessariamente interpretada a partir de um conhecimento coletivo. A leitura dos códigos articulados por essas escritas pertence a grupos específicos, que convivem em espaços específicos e se comunicam de maneira específica.

> Tramas incisivas que instauram um outro cenário para a-trair os olhos numa

> tentativa de decodificação dos signos em explosão. Mas os signos não são decodificáveis, identificáveis. A identificação é o que submete o signo à sua condição asfixiante. Sua redutora redenção. Os pixos são tão somente matérias espúrias com sua nadificação perfeita. Expurgadas por si, num si sem sim. Pois que é negação de si e daquilo que é pensável sustentar dos signos. Eis aqui a fala já em si distorcida porque fala do que não existe mais. Ou do que ainda virá como apagamento, mutabilidade, efemeridade. (COSTA, L. 2007: 181-182).

Contudo, Machado (2003: 280) ressalta que para que haja as trocas simbólicas é necessária que haja a interação, em que os signos organizados em códigos podem ser descodificados para serem recodificados, dando origem, assim, a novos signos, "em vez de transporte, o que se valoriza é a interação dialógica".

Sobre a ocupação do espaço urbano

Este artigo pressupõe as escritas de rua como parte de uma dinâmica cultural geradora de sentidos, mas para a compreensão dessa dinâmica é preciso, antes, perceber que o seu surgimento é decorrente da exclusão de uma massa social.

Entendendo o graffiti como escoamento do *Hip Hop*, e a pixação como movimento da contracultura, percebe-se que ambos possuem convergências ideológicas e surgiram como expressões vindas do gueto para o gueto. Ortega y Gasset (1967 apud FERREIRA, 2007: 106) afirmam que a massa existe, então, pela sua revolta, isto é, pela violência ou subversão do diferente e singular, formada por indivíduos atomizados, reclusos nos seus espaços privados. Dito isso, percebe-se como as divisões espacial, geográfica e social alimentaram reflexões e inquietações em alguns sujeitos que utilizaram dos suportes possíveis para se manifestar.

As escritas de rua vivem da experiência diária da rua, conhecendo a cidade em seus pontos mais frágeis e prestigiados. Os locais de ocupação escolhidos pelo grafiteiro ou pixador não são arbitrários, ao contrário, na maioria das vezes são pontos estratégicos para alcançar visibilidade nas suas mensagens, o que demonstra que, antes mesmo da aplicação do graffiti ou da pixação, o espaço escolhido na cidade já carrega significados. A cidade fala por si, expõe seu ritmo e dinamismo, e por meio das intervenções, construções e ocupações, conta a sua história e a do povo que a vive. Ter essa noção da urbe como ambiente de apresentação de pensamentos, que ora se fundem, noutras se confrontam, é importante, pois é o que ajuda a entender como ocorre a produção do espaço urbano. Neste sentido, Campos (2009: 14) utiliza o conceito de "cidade polifônica",

ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

empregado por Canevacci (1997), segundo o qual os espaços urbanos são ambientes humanos carregados de múltiplas vozes em que importa descodificar, particularmente através de um olhar metodologicamente orientado.

> É esta cidade que se dá a ver, que abriga na sua corporeidade e na organização do seu espaço um conjunto de significados de natureza social, cultural e simbólica que traduzem a forma como a habitamos. A cidade é, portanto, um artefacto cultural (Wells, 2007), uma produção humana que reflecte os modos e estilos de vida, as relações de poder e as assimetrias sociais, as relações econômicas, os paradigmas estéticos e visuais, entre outras dimensões da nossa vida colectiva (Short, 1996). (CAMPOS, 2009: 15).

Panorama das escritas de rua em Manaus

A criação de um breve panorama de apresentação das escritas de rua em Manaus ilustra como o graffiti e a pixação se organizam na espacialidade da cidade, permitindo a observação das formas de ocupação, algumas particularidades visuais dos artistas da cena local, as temáticas escolhidas e os diferentes estilos. Essa mostra é um convite à contemplação e a tentativa de interpretação das obras.

- Graffiti feito pelo artista *Broly,* natural de Manaus, na sétima edição do evento *Black&White*, em 2016, no bairro do Mutirão, zona norte de Manaus. A obra representa o estilo *wildstyle* (Figura 8): "letras altamente complicadas, contorcidas, quebradas e ligadas, muitas vezes com um número de elementos adicionais. O termo *wild* é geralmente usado para qualquer estilo de graffiti difícil de ler" (GANTER, 2013: 65, tradução nossa[6]).
- Graffiti feito pelo artista *Máfia*, na Cidade Nova I, zona norte de Manaus. A obra representa o estilo *bubblestyle* (Figura 9): "A idéia básica do *bubblestyle* é que as letras parecem ter sido sopradas com ar, como balões. As arestas são arredondadas e as aberturas são reduzidas a pontos ou linhas" (GANTER, 2013: 65, tradução nossa[7]).
- *Tag* (Figura 10) feita pelo artista *Arab Amazon* no prédio abandonado da antiga Santa Casa de Misericórdia, na zona central da cidade de Manaus. "*Tags* são executadas em um par de

[6] Wildstyles are highly complicated, contorted, broken and connected letters, often featuring a number of additional elements. The term is generally used for any wild or hard-to-read graffiti style. (GANTER, 2013: 65)
[7] The basic idea of bubblestyle is that the letters look as if they have been blown up with air like ballons. The edges are rounded and opennings are reduced to points or lines. (GANTER, 2013: 65)

segundos e, muitas vezes, são decoradas com desenhos adicionais. *Tagging* ajuda um escritor a espalhar o seu nome rapidamente" (GANTER, 2013: 20, tradução nossa[8]).

- Pixações (Figura 11) localizadas em muro de terreno abandonado no bairro Cidade Nova I, zona norte de Manaus.
- Sopa de letras (Figura 12) localizada no bairro Aparecida, zona central de Manaus. Este tipo de ocupação envolve a participação de vários artistas que juntos desenvolvem um grande mural composto por suas assinaturas em estilos variados.
- Personagem representando a mulher e a natureza (Figura 13) feita pela artista *Isy*, presente na Avenida das Torres, zona norte de Manaus.

A percepção de quem faz o rolê[9]

Com o início do seu contato nas escritas de rua em 2001, *Hipz* já teve suas obras expostas em cidades como Belém - PA, Porto Velho - RO, Manacapuru, Itacoatiara e Rio Preto da Eva, municípios do Amazonas. Formado em Design de Interiores, também é articulador do Movimento *Hip Hop*. Atualmente faz parte da *Crew* Febre Urbana - F.U, sendo um dos idealizadores e organizadores do evento de graffiti *Black&White*. Nesta entrevista realizada em 17 de janeiro de 2016 para a construção do material textual do livro "Escritas de rua: graffiti e pixação da cidade de Manaus", o escritor fala sobre o seu histórico na cena de Manaus e suas percepções sobre o graffiti e pixação ocupando e resistindo na cidade.

1- Qual é a sua história com as escritas de rua? Como foi o seu primeiro contato com pixação, o graffiti, as telas com pincel?

Hipz: A minha vivência começou no ano de 2001, no bairro do Monte Sinai, zona norte de Manaus. Eu sou natural de Porto Velho, Rondônia, vim a Manaus para morar e estudar. Na escola Milton Bandeira, onde eu estudava aos 16 anos, eu tinha alguns amigos que já pixavam e grafitavam, e na época o *Clark*, que estudava junto comigo, foi o meu maior incentivador. Ele chegava na escola com uns álbuns de fotografia de graffiti e de pixação, e mostrava para todo mundo. Eu comecei a olhar aquilo e comecei a ver algo para além das fotos. Isso começou a despertar uma vontade em mim de querer conhecer um pouco mais sobre o assunto. Um dia, voltando pra casa, eu vi

[8] Tags are executed is a couple of seconds and are often decorated with additional designs. Tagging helps a writer to spread his or her name quickly. (GANTER, 2013: 20)

[9] Saída para pintar.

numa banca de jornal uma revista chamada "Almanaque de Graffiti", comprei e comecei a ler sobre o assunto. Eu não tinha noção da grandiosidade que era o graffiti! Pra mim, era só aquela coisa do meu amigo de sala de aula que fazia rabiscos aos redores da casa dele e do bairro dele, mas depois de comprar essa revista, e começar a ver e a ler, eu percebi que era um movimento artístico mundial, que acontecia nos Estados Unidos e no resto do mundo, e comecei a ver o trabalho de outros artistas, e aí eu comecei a prestar atenção nos graffitis de Manaus que já aconteciam, naquela época o *Amazon Arab* já era uma referência. Aí, eu falei pro *Clark* "O que eu vou fazer? Eu não tenho letra". E a primeira coisa que eu fiz, foi escolher o meu apelido. No graffiti, como na maioria dos movimentos artísticos, quando não se usa o nome próprio, usa-se um apelido. O primeiro que eu pensei foi *Cachorro Louco*, mostrei pro *Clark* e ele disse que era muito grande, "Até tu terminares de fazer isso aí, a polícia já chegou e já te levou". Aí nós ficamos pensando por umas duas semanas. Na escola, eu andava com aquelas pulseirinhas de *hippie*, e na rua já tinham algumas pessoas que me chamavam de *hippie* por conta disso, e eu achei interessante a palavra, a pronúncia, a ideia. Só que a escrita também era um pouco grande, por isso eu abreviei pra *Hip*, de *Hip Hop*, assim a palavra tinha duplo sentido. O *Clark* foi quem me forneceu minhas primeiras letras, ele me dava e eu reproduzia. Mas eu sempre fui muito dedicado, eu não queria estar ali e fazer mais ou menos, eu queria fazer bem feito. A primeira vez que eu saí para pintar com tinta não foi nem em um muro, eu pintei uma escadaria, com uns degraus bem grandes, espaçosos, passei a base branca e contornei com pincel, não foi nem com spray! Logo depois, eu fui pro muro, no Parque Dez [bairro da zona centro-sul de Manaus], fui eu e o *Clark* e fizemos uns três ou quatro *bombers*, a gente tinha um canal onde comprávamos *sprays* por um preço mais barato, porque era vencido, e também só tinha azul e amarelo, foi na época que a cidade foi mais pintada dessas cores. Então, o começo foi isso. Depois, eu fui estudar para ter as minhas próprias bases, ter meu estilo e me diferenciar. Comecei a fazer uns *bombers*, que na época foi o que me destacou, a galera chamava de "estilo espinho". Nesse tempo, a minha primeira *crew* foi a *ZNC - Zona Norte Crew*, a mesma do Clark. Na época chegou a ser uma das maiores *crews* de Manaus em termos de quantidade, com mais ou menos 60 integrantes no seu ápice, uma mistura de grafiteiros e pixadores. Na zona norte, era uma das mais ativas junto com a RJ - Revolução do *Jet*. Eu pintei na ZNC até 2004, aí eu fui

Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação
ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

para a CHC, que significava *Caos Hurbano Crew*, passei um tempo e depois integrei a F.U - *Crew* Febre Urbana, sigo nela até hoje.

2- Você geralmente pintava em que região?
Hipz: No começo, eu pintei poucas vezes no meu bairro, no Monte Sinai. Manaus tinha um triângulo de pintura: Parque Dez, Constantino Nery/Djalma Batista e Centro. Girava em torno disso. Era o foco, era onde todo mundo passava, e todo mundo queria o nome lá. Depois de um tempo, eu comecei a sair pra pixar, mas eu iniciei com *bomber*. Por ver a galera falar, eu queria sentir aquela adrenalina, que é uma loucura! Muita gente vê a pixação e só enxerga o vandalismo, e esquece de ver a estética, a intenção. E eu saí, fiz vários rolês de pixação, várias histórias de perigo. Por si só, quando a pessoa sai na noite, ela já está sujeita a tudo, e quando ela sai pra pixar, isso é em dobro, tanto pela polícia, quanto por moradores. Ali é você e Deus contra o mundo, porque qualquer pessoa pode fazer alguma coisa. Mas também tem muita coisa inusitada, tipo, de você tá pixando e chegar gente apoiando, e também por você estar na noite, as pessoas também têm medo de você, porque no final ninguém sabe a intenção do outro. Teve uma época de bastante repressão aqui [Manaus] porque a pixação estava demais, muito forte, e foi quando a galera migrou pro graffiti, e também porque começaram a ter acesso a informação. Aos poucos foram chegando as revistas, a internet, e isso contribuiu com a evolução da cena, começamos a ter contato com a galera de fora, outros artistas.

3- Sobre a tua evolução de repertório. Quando que você saiu das letras e começou a fazer personagens?
Hipz: Eu sempre desenhei. Os trabalhos de escola quando tinham que desenhar, eu sempre era o cara que fazia. A partir disso, eu comecei a desenhar coisas voltadas pra cidade, pra parte da arquitetura. Sempre gostei de representações. Antes eu fazia só a arquitetura de um quarteirão, com prédios e etc. Depois eu comecei a fazer a mesma coisa, só que os prédios já saíam pixados nos topos. Foi bem interessante essa mudança. A gente vai entrando nesse mundo, e como eu falei, eu não tinha a concepção do mundo do graffiti, depois que eu entrei que eu entendi e vi as coisas de forma diferente. Hoje, o graffiti se expandiu, possibilitando que as pessoas escolham qual o caminho que desejam seguir. Elas podem ir pro lado comercial ou podem continuar no ilegal, vai dá essência de cada um. Eu comecei no *bomber*, passei pela pixação, e depois eu quis buscar uma evolução, e pra mim,

a evolução era sair daquele patamar. Eu comecei a me desafiar, a fazer outras letras, uma parada mais *wildstyle*, mas logo eu vi que não era o que eu queria, eu achava chato, metódico, e o graffiti pra mim é ser livre! E nesse pensamento o que me deixou mais livre foi a criação dos personagens, porque era mais fácil de eu passar minha mensagem e de ser compreendido.

4- Podemos dizer então que os personagens são a tua marca?
Hipz: Sim! Isso eu comecei em 2007 e é o que faço até hoje. A minha primeira personagem era abstrata, a galera apelidou de *Dolly*, porque parecia uma ovelha, eu fazia uns olhos enormes. A partir dela, eu comecei uma transformação que representava uma imagem feminina. Eu fazia um formato de rosto feminino, mas como olhos laterais. Muita gente me perguntava "Mas por que os olhos estão onde ficam as orelhas?". Porque, assim, pra mim, a percepção, principalmente da mulher, ela vai além da visão, e aí eu comecei a seguir essa linha de figura mais feminina e aos poucos eu fui dando forma no rosto, no corpo, mas isso demandou tempo, não foi de uma hora pra outra. Era um formato meio humanoide, não tinha uma perfeição, e com o passar do tempo que eu fui me aperfeiçoando através de estudos. Atualmente, eu inseri levemente o realismo nas figuras femininas, trouxe elementos indígenas, como os grafismos, e alguns elementos da cultura negra também.

5- E por que essas representações referentes ao universo feminino te importam?
Hipz: A princípio é porque a forma feminina, independente de padrões de beleza, é um universo muito grande para se trabalhar, então eu acho que é muito atrativo, e eu também acho interessante pintar uma negra, uma índia, principalmente pro nosso povo. Estamos nos autoafirmando, entende? Eu acho que quando uma pessoa passa e vê a índia, ela se sente representada, e eu acho isso muito válido! Você vê uma arte e se identifica, e para a mulher, isso é valorizador! E o meu trabalho passeia por esse mundo, da representatividade e da autoafirmação.

6- E sobre o público? Tu achas que é importante o público entender teu trabalho?
Hipz: Eu busco que o público tenha um entendimento, mas isso não é uma regra. Com o personagem, isso é um pouco mais fácil, porque a gente direciona o olhar e a leitura da pessoa.

7- E em relação aos termos, como você gosta de ser chamado?

Hipz: Eu gosto de ser chamado de escritor de rua. Eu acho que identifica mais com a real essência do graffiti e da pixação.

8- Sobre a escolha do espaço. Como isso funciona? O que te orienta? É a visibilidade?
Hipz: As escritas de rua conversam com o espaço público, e isso vai muito de quem faz. A gente nunca definiu como iríamos inserir o nosso trabalho no meio urbano, arquitetonicamente falando, temos nossas formas de ver isso, mas nunca nos foi falado nada sobre como poderíamos usar esse meio como suporte. A sustentação do graffiti e da pixação se dá no meio urbano. Se eu pinto na rua, eu quero ser visto, e aonde eu pintar, alguém vai ver. Eu não costumo direcionar os locais, pinto aonde eu quero, e divulgo na internet, então, de qualquer forma o meu trabalho vai ser visto. E essa questão de ter visibilidade é algo muito bom, mas eu também quero passar uma mensagem.

9 - O que a cidade significa pra você?
Hipz: Eu tenho um carinho muito grande pela cidade, por tudo que ela significa, e acho que quando vamos intervir no espaço urbano, temos que ter bom senso. Mas é aquilo, enquanto população, a gente não participa de nenhuma decisão, as coisas nos são impostas. Dessa forma, o graffiti e a pixação são caminhos na contramão.

Considerações finais

O estudo do graffiti e da pixação importa a quem desejar entender e se aproximar de um tipo de expressão visual formada por escritas, de origem secular, que acontecem de maneira orgânica para além dos espaços estabelecidos e legitimados culturalmente. As escritas de rua demonstram o incontrolável desejo de se fazer presente. São imagens, mensagens, que ultrapassam as fronteiras dos bairros, das cidades, e muitas vezes da própria gravidade, ao ocupar os prédios mais altos em busca de uma visibilidade que de outra forma não seria possível.

Para a compreensão acerca deste complexo tema foi necessária a busca por uma literatura específica que abordasse o conteúdo do graffiti e da pixação, da semiótica e da produção do homem no espaço urbano. Contudo, a aproximação com a comunidade das escritas de rua e com o movimento *Hip Hop* da cidade de Manaus foi essencial para o aprofundamento de conhecimentos práticos aliados às teorias, permitindo a percepção sobre a organização dos grupos de grafiteiros e pixadores, as dinâmicas de suas ocupações, e a forma como as duas escritas interagem na maioria das vezes no mesmo ambiente.

Entender como as escritas de rua ocupam os espaços públicos e privados de Manaus é também compreender como estas protagonizam uma forma alternativa de dar vida, cores e vozes que estão excluídas do espaço urbanizado da cidade, chamando a atenção para a desigualdade social, lugares em abandono e comunidades periféricas em esquecimento.

A investigação, a compreensão e a divulgação das escritas de rua de Manaus por meio desse artigo também são muito importantes para instigar e ampliar o olhar sobre essas intervenções tão recorrentes na dinâmica da vida urbana, que tanto comunicam e simbolizam.

Por meio deste artigo, espera-se difundir o debate o graffiti e a pixação como formas de expressão cultural devido à relevância que possuem para a construção simbólica e visual das cidades. A resistência que o graffiti e a pixação representam em meio as tantas tentativas de criminalização é uma inspiração para quem acredita em outras formas de ocupar e de ressignificar o espaço público, conquistando meios de interlocução, de produção de mais narrativas e da valorização das rebeldias às normalidades circulantes e impostas.

Referências

CAMPOS, R. M. O. "All City": Graffiti como modo de comunicação e transgressão no espaço urbano. **Revista de Antrolopologia**, São Paulo, v. 52, n. 1, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27330/29102>. Acesso em: 06 de jun 2015.

COSTA, P. L. Grafite e Pixação: institucionalização e transgressão na cena contemporânea. **III Encontro de História da Arte**. UNICAMP, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2007/COSTA,%20Luizan%20Pinheiro%20da.pdf>. Acesso em: 12 de abr 2017.

FERREIRA, G. M. As origens recentes: os meios de comunicação pelo viés do paradigma da sociedade de massa. In: FRANÇA, V.V., HOHLFELDT, A., MARTINO, L.C. (org.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2003. pp. 99-116

GANTER, C. **Graffiti School**. 1ª ed. United Kingdom: Thames & Hudson, 2013. p. 176.

GITAHY, C. **O que é Graffiti**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. 85 p. Disponível em:<http://pt.scribd.com/doc/157954673/Celso-Gitahy-O-que-e-grafite-

ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

Livro#scribd>. Acesso em: 01 de mar 2016

HUNTER, G. **Arte de rua ao redor do mundo**. Tradução de Renata Brabo. São Paulo: Madras, 2013. 135 p

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 310 p.

MACHADO, I. **O ponto de vista semiótico**. In: FRANÇA, V.V., HOHLFELDT, A., MARTINO, L.C. (org.). Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2003

MONTEIRO, G. V; ABBUD, M. E. O. P; PEREIRA, M. F. (Org). **Estudos e perspectivas dos ecossistemas na comunicação**. Manaus, 2012. 281 p. Disponível em: <http://www.ppgccom.ufam.edu.br/attachments/article/438/livro%20de%20comunica%C3% A7%C3%A3o_completo_capa.pdf>. Acesso em: 05 de jun 2015.

PARK, R.E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, O. G (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. pp. 29-72.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Graffiti desenvolvido no evento Roda de Rima. Fonte: Arquivo pessoal.
Sem título. 2015. Fotografia digital
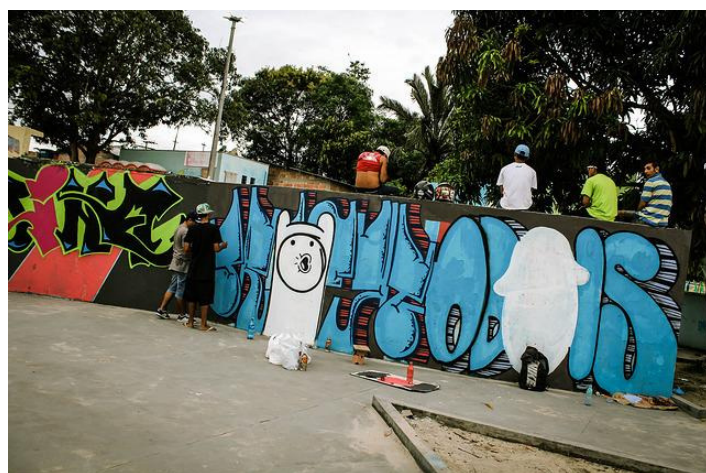
Figura 2: Graffitis desenvolvidos na 2ª Edição do *Hip Hop Roots*. Fonte: Arquivo pessoal.
Sem título. 2014. Fotografia digital.

Aturá
Revista Pan-Amazônica de Comunicação
ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

Figura 3: Evento Black&White. Fonte: Arquivo pessoal.
Sem título. 2016. Fotografia digital.

Figura 4: Compacto.Arte do Coletivo Difusão.
Fonte: Acervo do Coletivo Difusão.
Sem título. 2016. Fotografia digital.

Figura 5: Turma do projeto Casa Cultural. Fonte: Arquivo pessoal.
Sem título. 2016. Fotografia digital.

Figura 6: Graffiti no viaduto. Fonte: Arquivo pessoal.
Sem título. 2016. Fotografia digital.

Figura 7: Pixação. Fonte: MORAES, J.
Sem título. 2016. Fotografia digital.

Figura 9: Graffiti no estilo *bubblestyle*. Fonte: Arquivo pessoal.
Sem título. 2016. Fotografia digital.

Figura 8: Graffiti no estilo *wildstyle*. Fonte: Arquivo pessoal.
Sem título. 2016. Fotografia digital.

Figura 10: Exemplo de *Tag*. Fonte: Arquivo pessoal.
Sem título. 2017. Fotografia digital.

Figura 12: Sopa de Letras. Fonte: Arquivo pessoal.
Sem título. 2017. Fotografia digital.

Figura 11: Muro com pixações. Fonte: Arquivo pessoal.
Sem título. 2017. Fotografia digital.

Figura 13: Personagem. Fonte: BENLOLO, Thaizis.
Sem título. 2013. Fotografia digital.